



Universidades Lusíada

Ramiro, Lúcia
Matos, Margarida Gaspar de, 1956-
Vilar, Duarte, 1954-

Educação sexual na escola : conhecimentos, atitudes e conforto nos professores do ensino básico e secundário

<http://hdl.handle.net/11067/93>
<https://doi.org/10.34628/8ast-2210>

Metadados

Data de Publicação	2010
Resumo	Uma vez que se constata um aumento na incidência de VIH nos jovens e que estes passam um tempo significativo na escola, entende-se esta como lugar privilegiado para a realização da Educação Sexual. Foram objectivos desta investigação avaliar conhecimentos, atitudes e grau de conforto de 371 professores do ensino básico e secundário em relação à Educação Sexual. Usaram-se escalas de auto - relato traduzidas e adaptadas do QAAPES e da AKCT que foram recolhidas através da técnica da bola de neve. O...
Palavras Chave	Educação sexual para adolescentes - Portugal, Professores de educação sexual - Atitudes - Portugal
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, n. 01 (2010)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T18:14:55Z com informação proveniente do Repositório

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
CONHECIMENTOS, ATITUDES E CONFORTO
NOS PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO
E SECUNDÁRIO**

Lúcia Ramiro^{a,c}
Marta Reis^{a,c}
Margarida Gaspar de Matos^a
Duarte Vilar^b

Resumo: Uma vez que se constata um aumento na incidência de VIH nos jovens e que estes passam um tempo significativo na escola, entende-se esta como lugar privilegiado para a realização da Educação Sexual. Foram objectivos desta investigação avaliar conhecimentos, atitudes e grau de conforto de 371 professores do ensino básico e secundário em relação à Educação Sexual. Usaram-se escalas de auto – relato traduzidas e adaptadas do QAAPES ^[21] e da AKCT ^[22] que foram recolhidas através da técnica da bola de neve. Os resultados obtidos revelaram um grau de conhecimentos e atitudes médio/altos, e conforto médio; e à semelhança da amostra canadiana, menos conhecimentos e conforto em tópicos como “Masturbação”, “Prazer sexual e orgasmo” e “Homossexualidade”. Encontraram – se diferenças estatisticamente significativas entre géneros para as atitudes e entre professores com e sem experiência de Educação Sexual para conhecimentos, atitudes e grau de conforto.

Palavras – chave: Educação sexual, Conhecimentos, Atitudes, Conforto, Professores

Abstract: Because HIV is increasing among youngsters and they spend a significant part of their lives in school, it is accepted as the suitable place to deliver sexual

^a Projecto Aventura Social – Faculdade de Motricidade Humana / Universidade Técnica de Lisboa, e Centro da Malária e Doenças Tropicais, PORTUGAL

lramiro@fmh.utl.pt

^b Universidade Lusíada de Lisboa

^c Doutorandos da Fundação da Ciência e Tecnologia – SFRH/BD/43388/2008; SFRH/BD/37583/2007

education. The aims of this research were to assess middle and high school teachers' knowledge, attitudes and comfort towards teaching Sexual Education. Structured self – reported questionnaires translated and adapted from QAAPES ^[21] and AKCT ^[22] were responded by 371 teachers accessed through snowball techniques. The findings showed teachers feel somewhat comfortable, fairly knowledgeable and liberal; and just as the Canadian teachers have less knowledge and comfort teaching about “Masturbation”, “Sexual pleasure and orgasm”, and “Homosexuality”. The results revealed significant variation in responses by gender to attitudes, as well as between experienced and non-experienced teachers in what knowledge, attitudes and comfort are concerned.

Key – words: Sexual education, Knowledge, Attitudes, Comfort, Teachers

INTRODUÇÃO

A Educação Sexual⁴ é um processo contínuo e permanente de aprendizagem e socialização que abrange a transmissão de informação e o desenvolvimento de atitudes relacionadas com a sexualidade humana em todos os domínios que ela compreende e, portanto, promove atitudes e comportamentos saudáveis ^[1].

Segundo o relatório do Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis ^[2], existe um aumento na transmissão de VIH por via heterossexual e da incidência no grupo dos 25 aos 44 anos, o que considerando o período de incubação do vírus significa que uma parte considerável de indivíduos se infectou durante a adolescência. Para além destes dados significativos, a diminuição da idade da primeira relação sexual ^[3]; uso inconsistente de contracepção e do preservativo ^[4-6]; a percentagem crescente de gravidez na adolescência (Portugal regista 5/100 na faixa etária dos 15 aos 19 anos ^[7]); o recurso ao aborto; e a sensação de invulnerabilidade ao risco que caracteriza esta fase tornam os jovens e os adolescentes num grupo de risco ^[8]. Para além destes perigos, acresce o perigo de contrair outras IST's⁵ (um terço dos novos casos de IST's curáveis ocorre em indivíduos até aos 25 anos ^[9]) e de ser vítima de abuso sexual.

Uma vez que as crianças e os jovens permanecem um tempo significativo na escola, que é nessas idades que acontecem as primeiras vivências amorosas, e que é na instituição escolar que existem os recursos humanos e materiais para a concretização da Educação, entende-se a escola como o lugar privilegiado para a realização da ES.

O acesso a uma informação correcta, serviços de saúde e apoio, o desenvolvimento de competências no domínio da prevenção e a concretização específica

⁴ Educação Sexual será designada pela sigla ES.

⁵ IST's designa Infecções Sexualmente Transmissíveis

de programas de ES podem significar a diferença entre tomar decisões responsáveis ou decisões que comprometam o futuro^[10], pelo que se identificam como vantagens específicas da ES uma redução na taxa de gravidez na adolescência, o adiamento do início da actividade sexual, uma menor prevalência de IST's e uma vivência mais positiva da sexualidade^[11].

A avaliação efectuada ultimamente a vários programas de ES^[12] permite comprovar que esta não faz antecipar a entrada na vida sexual activa nem promove a actividade sexual; aliás, estes têm demonstrado o adiamento na entrada na vida sexual activa (para aqueles que não tinham iniciado a sua vida sexual antes de participarem no programa de ES) e o aumento na frequência de utilização do preservativo (dos que já tinham iniciado a sua vida sexual), diminuindo, deste modo, a frequência de comportamentos de risco^[13]. Também em Portugal, num programa desenvolvido por Lemos^[14], se verificou um aumento significativo nos conhecimentos dos alunos que participaram em programas de ES, por oposição aos que não participaram; e um estudo efectuada por Sousa^[15] revelou, quer um maior uso do preservativo, quer de métodos contraceptivos em simultâneo com este.

Num outro estudo português desenvolvido em 2008^[13] e portanto já sob a insígnia da educação sexual, foram inquiridos 2621 jovens entre os 15 e os 19 anos. Dos resultados destaca-se que apenas 52% das raparigas e 40% dos rapazes reconhece todas as situações em que existe probabilidade de ocorrer uma gravidez, dos que já tinham iniciado relações sexuais (cerca de 40% da amostra) 4% referiu não ter usado qualquer método de evitar uma gravidez na primeira relação sexual e, dos que usaram, também 4% fê-lo com outro método que não o preservativo, concluindo-se que muitos dos nossos jovens ainda têm comportamentos de risco.

Num estudo à população portuguesa^[16], cerca de 90% dos inquiridos afirmou a importância da ES na escola, e, inclusive, a obrigatoriedade (87%) da mesma. Assim, é possível deduzir que a população portuguesa apoia claramente a ES na escola.

O ministério da educação português, considera a ES uma temática prioritária da sua política educativa e seguindo as orientações de um grupo de especialistas (GTES – Grupo de Trabalho de Educação Sexual) está a dinamizar e avaliar a ES nas escolas. O Relatório Final^[1] das actividades deste grupo aponta para a existência de um número significativo de escolas do ensino básico que já dedicam uma das novas áreas curriculares não disciplinares (Formação Cívica, Área de Projecto ou Estudo Acompanhado) à Educação para a Saúde – e em que a ES está contemplada – e propõe a avaliação de um conjunto de conteúdos considerados mínimos. Para facilitar a dinamização da ES na escola, é proposto que o professor coordenador possa usufruir de uma redução de três horas na componente lectiva. Mais recentemente o ministério criou uma lei (Lei n.º 60/

2009) que estabelece a obrigatoriedade da aplicação da ES em meio escolar, identificando uma carga horária mínima a ser aplicada a cada nível de ensino, potenciando assim a implementação da mesma.

Conhecimentos, Atitudes, Conforto e Experiência nos Professores do Ensino Básico e Secundário

Segundo vários autores, o professor é um agente central no sucesso da ES na escola, mais pelas suas atitudes que pelos conhecimentos que transmite, especialmente em temas controversos como a ES ^[17,18]. Sampaio ^[19] afirma mesmo que é necessário ter vocação para abordar a ES.

Zapiain ^[20] enfatiza a importância da formação do professor de ES, pois os conhecimentos são, obviamente, pré-requisito para uma ES de sucesso. Estes podem ser adquiridos durante a formação inicial ou académica na área, ou através de formação contínua.

A atitude do professor é considerada sob diferentes perspectivas. A concordância com a ES e com o programa a implementar, ou seja, se o professor tiver uma atitude favorável (não conservadora) em relação à ES, atribuirá mais importância ao tema, desenvolverá maior motivação para a leccionar e mais facilmente a implementará. Alguns autores afirmam que uma atitude favorável em relação à sexualidade no geral e à sexualidade dos jovens em particular é extremamente importante para a consecução da ES, visto que só genuinamente aceitando estas é que um professor pode implementar a ES com seriedade. Dada a carga emotiva da sexualidade e da ES, “aconselha-se que a educação sexual seja leccionada ... por aqueles docentes que efectivamente se sintam bem com ela” ^[14] (p. 48), pelo que assume uma importância significativa o grau de conforto na abordagem dos tópicos a desenvolver. Compreende-se, então, que alguns tópicos sejam abordados com menos frequência porque são aqueles em que o professor experimenta menos conforto.

Reis ^[21] afirma que a experiência em ES é um factor muito importante, e que esta evidencia uma associação, não só com os conhecimentos do professor, mas também com o conforto e as atitudes deste.

METODOLOGIA DO ESTUDO

• Objectivos do Estudo

Dada a centralidade do professor na ES, esta investigação pretende avaliar conhecimentos, atitudes e grau de conforto dos professores do ensino básico e secundário em relação à sexualidade e à ES.

Os conhecimentos, atitudes e grau de conforto são considerados como factores condicionantes do desempenho dos professores em ES, e avaliaram-se as diferenças entre géneros e quanto à experiência na ES em meio escolar. Este estudo é transversal e comparativo.

• Amostra

Foram recolhidos 371 inquéritos de professores, de ambos os sexos (60.4% do sexo feminino e 39.6% do masculino), de diferentes níveis de ensino (segundo e terceiro ciclos do básico e secundário) através da técnica da “bola de neve”.

OUTRAS CARACTERÍSTICAS

Os participantes são católicos (70.8%), casados (53.1%), com um relacionamento que dura há uma média de 13.7 anos, têm uma média de idade de 39.1 anos e têm filhos (63.1%). Quanto à profissão, a maior parte é professor do Quadro de Escola (58.9%), leccionam há 14.2 anos e são detentores de licenciatura (78.4%) (ver tabela 1).

Tabela 1. Características da amostra total

	N	%	M	DP
Características demográficas				
Sexo				
Masculino	147	39.6		
Feminino	224	60.4		
Idade			39.1	8.167
Situação conjugal				
Solteiro	92	24.8		
Casado	197	53.1		
União de facto	46	12.4		
Divorciado	34	9.2		
Viúvo	2	0.5		

Tabela 1. Características da amostra total (Cont.)

	N	%	M	DP
Características demográficas				
Filhos				
Tem	233	63.1		
Não tem	136	36.9		
Religião				
Católica	262	70.8		
Protestante	5	1.4		
Judaica	1	0.3		
Muçulmana	7	1.9		
Budista	–	–		
Sem religião	93	25.1		
Outra	2	0.5		
Relacionamento amoroso				
Não tem	70	18.9		
Tem	300	81.1		
Dura há meses (1-12 meses)			6.70	2.452
Dura há anos			13.69	8.470
Habilitações académicas				
Bacharelato	30	8.1		
Licenciatura	291	78.4		
Pós-Graduação	21	5.7		
Mestrado	26	7		
Doutoramento	1	0.3		
Outra	2	0.5		
Anos de docência			14.23	8.130
Categoria profissional				
Quadro de escola	216	58.9		
Quadro de zona pedagógica	83	22.6		
Contratado	68	18.5		

• **Instrumento**

O questionário é constituído por duas partes, a primeira relativa a dados sócio – demográficos, caracterização profissional dos participantes, crenças religiosas, formação e experiência na área da ES na escola e questões sobre ES; a segunda por escalas que têm como objectivo medir a percepção que os

respondentes têm dos seus conhecimentos, atitudes e conforto relacionados com vários tópicos da sexualidade como, por exemplo, “Puberdade”, “Masturbação”, “Homossexualidade” e “Gravidez e parentalidade na adolescência”.

O questionário foi adaptado de duas medidas: a Escala de Atitudes, Conhecimento e Conforto dos Professores nas Escolas Canadianas de New Brunswick (AKCT) ^[22] e o Questionário de Avaliação de Atitudes dos Professores face à Educação Sexual (QAAPES) ^[21]. Quer os investigadores canadianos, quer os portugueses, autorizaram a utilização, mesmo que abreviada e adaptada, dos seus instrumentos.

Relativamente ao tempo, o protocolo de investigação foi administrado em cerca de 30 minutos.

• Análise e tratamento dos dados

Os conhecimentos, atitudes e nível de conforto para o total da amostra foram descritos com base em estatística descritiva.

A análise das diferenças entre géneros e entre professores com e sem experiência em ES foi efectuada através da análise de variância ANOVA para grupos independentes.

Os procedimentos estatísticos foram efectuados no programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS, versão 17.0 para Windows).

RESULTADOS

1 – Questões sobre Educação Sexual

No que diz respeito ao modo mais eficaz de integrar a ES no ensino básico, 24.7% consideram ser na Formação Cívica; e no secundário 29.9%, 28.7% e 28.4% consideram ser nas várias disciplinas cujos programas o permitam, num gabinete de apoio ao aluno ou numa disciplina, criados especialmente para o efeito, respectivamente.

Relativamente à formação pessoal, 40.5% avaliam – na como razoável e 36.2% como boa ou muito boa porque se sentem (55.8%) razoavelmente confortáveis na abordagem dos vários temas. De salientar que 23.3% consideram a mesma má ou muito má, apontando a falta de preparação científica (17%) e pedagógica (16.2%) adequadas.

Quanto à formação inicial específica na área, 11.1% (N = 41) pertencem a um grupo disciplinar que é considerado como tal (Matemática e Ciências da Natureza no 2º ciclo, e Biologia e Geologia no 3º ciclo e secundário).

Relativamente à formação complementar, a maioria dos professores não frequentou (77.6 %) mas, dos que frequentaram, 43.4 % avaliam-na como boa

especialmente devido a ter sido clara (48.8%), adequada do ponto de vista teórico (47.6%) e interessante (47%).

Uma vez que a maioria não tem formação complementar, compreende-se que apenas 49.6% dos professores da amostra refiram estar disponíveis para trabalhar com outros colegas na promoção deste tipo de acções e que considerem que não tomarão a iniciativa.

Quanto à experiência de ES em meio escolar, apenas 28.3% dos professores inquiridos a referem e, desses, apenas 45.7% foram intervenientes activos (não se limitaram a assistir, propor ou organizar), tendo mesmo 11.5% afirmado que promoveram uma aula uma única vez. Não obstante, 91.5% avaliam a experiência de ES em meio escolar positivamente (entre 3 – razoável e 5 – muito boa), especialmente porque foi ao encontro dos interesses (70.8%) e necessidades (56.3%) dos alunos (ver tabela 2).

Tabela 2. Questões sobre Educação Sexual

	N	%	Mo	%
Modo mais eficaz de integrar ES em meio escolar				
2 ^o / 3 ^o ciclo				
Formação Cívica	90	24.7		
Disciplinas cujos programas o permitam	80	22		
Disciplina criada especialmente para o efeito	63	17.3		
Área curricular não disciplinar criada especialmente para o efeito	50	13.7		
Disciplina de oferta de escola	31	8.5		
Clubes / projectos / actividades extra – curriculares	24	6.6		
Área de projecto	4	1.1		
Estudo acompanhado	1	0.3		
Outro ¹	21	5.8		
Secundário				
Disciplinas cujos programas o permitam	100	29.9		
Gabinete de apoio ao aluno criado especialmente para o efeito	96	28.7		
Disciplina criada especialmente para o efeito	95	28.4		
Clubes / projectos / actividades extra – curriculares	32	9.6		
Outro ¹	11	3.3		
Formação pessoal de ES				
Avaliação da formação pessoal de ES			3	
1 / 2 – muito má / má	86	23.3		
3 –	150	40.5		
4 / 5 – boa / muito boa	134	36.2		
Justificação da avaliação da formação pessoal de ES (máximo 2 razões)				
Avaliação negativa (1 e 2)				
Percepção de falta de preparação científica	62	17		
Percepção de falta de preparação pedagógica	59	16.2		
Desconforto com alguns temas	20	5.5		
Avaliação positiva (3, 4 e 5)				
Conforto na abordagem do(s) tema(s)	203	55.8		
Percepção de preparação pedagógica adequada	109	29.9		
Percepção de preparação científica adequada	89	24.5		

Tabela 2. Questões sobre Educação Sexual (Cont.)

	N	%	Mo	%
Formação Inicial² (grupo disciplinar de origem)				
Ciências da Natureza	41	11.1		
Outro	327	88.9		
Formação complementar de ES em meio escolar				
Não frequentou	287	77.6		
Frequentou	83	22.4		
Avaliação da formação de ES em meio escolar				
1 – muito má	–	–	4	
2 –	3	3.6		
3 –	34	41		
4 –	36	43.4		
5 – muito boa	10	12		
Justificação da avaliação da formação de ES na escola				
Adequação do ponto de vista da clareza	82		4	48.8
Adequação do ponto de vista teórico	82		4	47.6
Interessante	83		4	47
Adequação do ponto de vista das sugestões metodológicas	82		4	40.2
Adequação do ponto de vista dos trabalhos desenvolvidos	81		4	37
Adequação do ponto de vista do material fornecido	82		3	48.8
Perturbante	82		1	63.4
Outra	4	1.1	–	
Envolvimento futuro na ES na escola				
Estará disponível para trabalhar com outros colegas na promoção de ES mas acha que não tomará a iniciativa	183	49.6		
Tenciona desenvolver actividades de ES no contexto da disciplina que lecciona ou num contexto interdisciplinar	88	23.8		
Será pouco provável envolver-se	62	16.8		
Não tenciona, de todo, envolver-se	20	5.4		
Tenciona propor à escola ou a outros colegas o desenvolvimento de acções de ES	16	4.3		
Experiência de ES na escola				
Não tem	266	71.7		
Tem	105	28.3		
Função desempenhada				
Organizador e interveniente activo	48	45.7		
Assistente	23	21.9		
Organizador	23	21.9		
Proponente	9	8.6		
Outro	2	1.9		
Tipo de abordagem utilizada				
Uma aula para alunos				
Nunca	55	52.9		
Uma vez	12	11.5		
Várias vezes	37	35.6		
Um conjunto articulado de aulas para alunos				
Nunca	66	63.5		
Uma vez	11	10.6		
Várias vezes	27	26		

Tabela 2. Questões sobre Educação Sexual (Cont.)

	N	%	Mo	%
Experiência de ES em meio escolar				
Tipo de abordagem utilizada				
Uma acção extra – curricular para alunos				
Nunca	66	63.5		
Uma vez	18	17.3		
Várias vezes	20	19.2		
Um conjunto articulado de actividades para alunos no contexto extra – curricular				
Nunca	80	76.9		
Uma vez	8	7.7		
Várias vezes	16	15.4		
Outra				
Nunca	96	92.3		
Uma vez	3	2.9		
Várias vezes ³	5	4.8		
Avaliação da experiência de ES em meio escolar			4	
1 – muito má	–	–		
2 –	9	8.6		
3 –	26	24.8		
4 –	55	52.4		
5 – muito boa	15	14.3		
Justificação da avaliação da experiência de ES na escola (máximo 2 razões)				
Avaliação negativa (1 e 2)				
Percepção de falta de apoio de Enc. de Educação	2	1.9		
Alunos não interagiram	1	1		
Alunos interagiram de modo desadequado	1	1		
Avaliação positiva (3, 4 e 5)				
Adequado aos interesses dos alunos	71	70.8		
Adequado às necessidades dos alunos	56	56.3		
Experiência enriquecedora para professor	28	26.7		
Conforto na abordagem do(s) tema(s)	20	19		
Percepção de conhecimentos suficientes	4	3.8		

Notas:

¹ Modo mais eficaz de integrar a ES em meio escolar – 32 sujeitos foram posicionados na categoria *outro*, 21 relativamente ao 2º/3º ciclos e 11 relativamente ao secundário, uma vez que indicaram, simultaneamente, 2 modos por nível, apesar da instrução da questão pedir que fosse identificado apenas 1. Refira-se que escolheram, quase sempre, associações de 2 modos dos mais votados.

² Formação inicial: os professores pertencentes ao grupo disciplinar de Matemática e Ciências da Natureza (2º ciclo) e Biologia e Geologia (do 3º ciclo e secundário) deram origem à área de Ciências da Natureza.

³ Experiência de ES em meio escolar / tipo de abordagem utilizada – 5 participantes (4.8%) referiram abordar várias vezes conteúdos de ES em unidades de tempo menores que a aula (momentos) como resultado da articulação de conteúdos / competências com outras disciplinas do conselho de turma.

2 – Conhecimentos, atitudes e conforto em relação à sexualidade

Os respondentes possuem um nível de conhecimento positivo em todos os tópicos – variando a média entre 3 e 3.9 nos itens “Prostituição nos jovens” e

“Reprodução e Nascimento”, respectivamente. Calculou-se a pontuação final da escala, que varia entre 26 (nada conhecedor) e 130 (extremamente conhecedor) e verificou-se que os professores têm um nível de conhecimento médio / alto ($M=90.5$) em relação à sexualidade. Não se constatam diferenças estatisticamente significativas do conhecimento quanto ao gênero dos participantes ($F(1;350) = 1.792$; $p = .182$) para um nível de significância de $p \leq .05$.

Constatou-se uma atitude positiva em relação à ES na escola uma vez que a opinião dos professores oscila entre moderadamente positiva – nos itens positivos à ES em ME (“A ES nas escolas é muito importante para as crianças e jovens.”, “A ES deve ser uma das áreas obrigatórias em todas as escolas.”, “As ações de ES na escola são um meio muito eficaz de prevenção da SIDA.”, “As ações de ES na escola são um meio muito eficaz de prevenção do recurso ao aborto.” e “Todos os professores têm responsabilidades na ES dos seus alunos.”); e moderadamente negativa – nos itens negativos à mesma (“A ES nas escolas motiva comportamentos sexuais precoces.”, “A sexualidade vai-se aprendendo ao longo da vida e não na escola.”, “É aos pais e não à escola que compete a ES das crianças e jovens.” e “Hoje em dia, com toda a informação que passa nas revistas e na televisão, a ES na escola é pouco necessária.”). Pode-se verificar que o item “Só os professores de Biologia têm responsabilidade na ES.” foi o único com o qual os inquiridos manifestaram uma opinião não moderada – discordo totalmente – mas ao fazê-lo revelaram uma atitude positiva. Calculou-se a pontuação final da escala, que varia entre 10 e 50, e verificou-se que os professores têm, no geral, uma atitude média / alta ($M=38.9$) em relação à ES. Constatam-se diferenças estatisticamente significativas de atitude quanto ao gênero dos participantes ($F(1;355) = 7.772$; $p = .006$): a média de atitude do sexo feminino ($M = 39.5$; $DP = 4.9$) e do sexo masculino ($M = 37.9$; $DP = 5.98$) difere significativamente. Contribuem especialmente os itens 1 – “A ES nas escolas é muito importante para as crianças e jovens.” e 2 – “A ES nas escolas motiva comportamentos sexuais precoces.”, que revelam que os homens têm uma atitude menos positiva do que as mulheres em relação à ES.

Foi encontrado um nível de conforto positivo, variando a média entre 2.9 no item “Pornografia” e 3.7 no item “Reprodução e Nascimento”. São três os tópicos em que os respondentes obtiveram uma média não arredondada abaixo do satisfatório: “Pornografia” ($M = 2.87$), “Prostituição nos jovens” ($M = 2.94$) e “Masturbação” ($M = 2.99$). Calculou-se a pontuação final da escala, que varia entre 26 (nada confortável) e 130 (extremamente confortável) e verificou-se que os professores têm um conforto médio ou satisfatório ($M=85.8$) na abordagem de tópicos relacionados com sexualidade. Não se constatam diferenças estatisticamente significativas de conforto quanto ao gênero dos participantes ($F(1;349) = 0.347$; $p = .556$) para um nível de significância de $p \leq .05$. A média de conforto do sexo feminino ($M = 86.3$; $DP=22.26$) e do sexo masculino ($M = 84.9$;

DP= 21.39) não difere significativamente apesar de se verificarem diferenças estatisticamente significativas nos itens 5 – “Menstruação”, 10 – “Gravidez e Parentalidade na adolescência”, e 14 – “Homossexualidade” que atestam maior conforto por parte das mulheres (ver tabelas 3, 4 e 5).

Tabela 3. Análise dos conhecimentos em relação à sexualidade para a amostra total
Diferenças entre géneros para os conhecimentos

	Homens(N=146)		Mulheres(N=221)		Total(N=367)		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
1- Linguagem técnica dos órgãos genitais	3.50	0.912	3.55	0.882	3.53	0.893	0.274
2- Imagem Corporal	3.51	0.861	3.56	0.876	3.54	0.870	0.312
3- Puberdade	3.52	0.807	3.56	0.872	3.55	0.846	0.206
4- Sonhos molhados	3.33	0.906	3.40	0.908	3.37	0.906	0.441
5- Menstruação	3.42	0.908	4.02	0.865	3.78	0.928	39.680***
6- Reprodução e Nascimento	3.72	0.861	3.97	0.835	3.87	0.853	7.610**
7- Contraceção e sexo seguro	3.81	0.833	3.88	0.857	3.85	0.847	0.662
8- Abstinência	3.30	0.976	3.49	1.007	3.41	0.997	3.071
9- DSTs/ SIDA	3.73	0.826	3.77	0.791	3.75	0.805	0.240
10- Gravidez e parentalidade na adolescência	3.36	0.862	3.57	0.860	3.49	0.866	4.985*
11- Segurança pessoal (prevenção de abuso sexual)	3.21	0.896	3.27	0.896	3.25	0.895	0.399
12- Abuso e assédio sexuais	3.23	0.923	3.27	0.864	3.25	0.887	0.243
13- Igualdade de género no relacionamento amoroso	3.49	0.896	3.50	0.847	3.49	0.866	0.001
14- Homossexualidade	3.18	0.937	3.20	0.887	3.19	0.906	0.047
15- Atração, amor e intimidade	3.53	0.772	3.59	0.779	3.57	0.776	0.425
16- Comunicação acerca do relacionamento sexual	3.42	0.816	3.48	0.810	3.46	0.812	0.443
17- Estar à vontade com o sexo oposto	3.54	0.834	3.57	0.795	3.55	0.810	0.106
18- Pressão dos pares para a actividade sexual	3.33	0.864	3.43	0.790	3.39	0.821	1.244
19- Masturbação	3.44	0.855	3.33	0.874	3.38	0.867	1.287
20- Comportamento sexual (beijos, coito)	3.58	0.786	3.64	0.813	3.61	0.802	0.507
21- Sexo como parte do relacionamento amoroso	3.61	0.782	3.69	0.809	3.66	0.798	0.811
22- Prazer e orgasmo	3.55	0.831	3.53	0.841	3.54	0.836	0.095
23- Problemas e preocupações sexuais	3.40	0.818	3.41	0.824	3.41	0.821	0.027
24- A sexualidade e os Media	3.27	0.843	3.31	0.864	3.30	0.855	0.160
25- Pornografia	3.19	0.849	3.03	0.921	3.09	0.896	2.976
26- Prostituição nos jovens	2.99	0.921	3.02	0.891	3.01	0.902	0.095
Total da escala	88.96	17.241	91.48	17.305	90.47	17.300	1.792

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

Tabela 4. Análise das atitudes em relação à ES para a amostra total
Diferenças entre géneros para as atitudes em relação à ES

Itens da escala	Homens (N=146)		Mulheres (N=221)		Total(N=367)		Mo	F
	M	DP	M	DP	M	DP		
1 – A ES nas escolas é muito importante para as crianças e jovens.	4.10	0.897	4.36	0.683	4.25	0.785	4	10.007**
2 – A ES nas escolas motiva comportamentos sexuais precoces.	2.10	0.930	1.83	0.893	1.94	0.916	2	7.426**
3 – A sexualidade vai-se aprendendo ao longo da vida e não na escola.	2.58	1.056	2.41	1.064	2.48	1.063	2	2.103
4 – Só os professores de Biologia têm responsabilidade na ES.	1.77	0.952	1.67	0.758	1.71	0.841	1	1.238
5 – A ES deve ser uma das áreas obrigatórias em todas as escolas.	3.49	1.205	3.66	0.925	3.59	1.048	4	2.397
6 – As acções de ES na escola são um meio muito eficaz de prevenção da SIDA.	3.95	0.964	4.05	0.718	4.01	0.825	4	1.123
7 – As acções de ES na escola são um meio muito eficaz de prevenção do recurso ao aborto.	3.71	0.941	3.84	0.792	3.78	0.856	4	2.086
8 – É aos pais e não à escola que compete a ES das crianças e jovens.	2.45	1.111	2.28	0.881	2.35	0.981	2	2.666
9 – Hoje em dia, com toda a informação que passa nas revistas e na televisão, a ES na escola é pouco necessária.	1.92	0.929	1.89	0.810	1.90	0.858	2	0.114
10 – Todos os professores têm responsabilidades na ES dos seus alunos.	3.46	1.099	3.62	1.037	3.56	1.064	4	2.174
Total da escala	37.92	5.979	39.54	4.906	38.89	5.411		7.772**

** $p \leq .01$

Tabela 5. Análise do conforto na abordagem de tópicos de ES para a amostra total
Diferenças entre géneros para o conforto na abordagem de tópicos de ES

	Homens(N=146)		Mulheres(N=221)		Total(N=367)		
	M	DP	M	DP	M	DP	F
1- Linguagem técnica dos órgãos genitais	3.43	1.003	3.40	1.072	3.41	1.044	0.048
2- Imagem Corporal	3.46	0.948	3.52	1.026	3.50	0.995	0.281
3- Puberdade	3.46	0.912	3.55	0.974	3.51	0.950	0.626
4- Sonhos molhados	3.06	1.073	2.98	1.056	3.01	1.062	0.422
5- Menstruação	3.24	1.089	3.66	1.013	3.50	1.062	13.697***
6- Reprodução e Nascimento	3.57	0.968	3.72	0.979	3.66	0.976	1.959
7- Contraceção e sexo seguro	3.65	0.973	3.64	0.985	3.64	0.979	0.015
8- Abstinência	3.09	1.051	3.16	1.077	3.13	1.066	0.320
9- DSTs/ SIDA	3.59	0.966	3.63	0.976	3.61	0.971	0.106
10- Gravidez e parentalidade na adolescência	3.35	0.961	3.56	0.988	3.47	0.981	3.969*
11- Segurança pessoal (prevenção de abuso sexual)	3.10	0.991	3.28	0.993	3.21	0.994	2.684
12- Abuso e assédio sexuais	3.13	0.956	3.18	0.990	3.16	0.976	0.301
13- Igualdade de género no relacionamento amoroso	3.35	0.988	3.39	1.002	3.38	0.995	0.175
14- Homossexualidade	3.00	1.014	3.24	0.992	3.14	1.006	4.905*
15- Atração, amor e intimidade	3.37	0.969	3.47	0.981	3.43	0.976	0.813
16- Comunicação acerca do relacionamento sexual	3.38	0.963	3.34	0.992	3.35	0.979	0.152
17- Estar à vontade com o sexo oposto	3.49	0.963	3.44	1.006	3.46	0.988	0.213
18- Pressão dos pares para a actividade sexual	3.17	0.964	3.35	0.968	3.28	0.969	3.121
19- Masturbação	3.10	1.023	2.91	1.093	2.99	1.068	2.602
20- Comportamento sexual (beijos, coito)	3.34	0.993	3.22	1.034	3.27	1.018	1.025
21- Sexo como parte do relacionamento amoroso	3.37	0.947	3.38	1.041	3.37	1.003	0.003
22- Prazer e orgasmo	3.20	0.995	3.01	1.067	3.09	1.041	2.651
23- Problemas e preocupações sexuais	3.20	0.973	3.24	0.976	3.22	0.974	0.158
24- A sexualidade e os Media	3.22	0.974	3.26	1.026	3.24	1.005	0.100
25- Pornografia	3.00	1.021	2.79	1.110	2.87	1.079	3.347
26- Prostituição nos jovens	2.90	1.047	2.97	1.045	2.94	1.045	0.348
Total da escala	84.91	21.399	86.32	22.268	85.76	21.908	0.347

* $p \leq .05$; *** $p \leq .001$

3 – Conhecimentos, atitudes e conforto por experiência de ES em ME

Constatam-se diferenças estatisticamente significativas nos três domínios avaliados (conhecimentos, atitudes e grau de conforto) quanto à experiência de

ES dos participantes, no sentido dos professores com experiência apresentarem valores médios superiores (M= 95.2; 41.3; e 93.8) dos sem experiência (M= 88.5; 37.9; e 82.5), respectivamente (ver tabela 6).

Tabela 6. Escalas de conhecimentos, atitudes e conforto – diferenças entre professores com e sem experiência em ES

Escalas	Com Experiência (N=101)		Sem Experiência (N=257)		F
	M	DP	M	DP	
Conhecimentos (26-130)	95.2	14.975	88.5	17.832	11.051***
Atitudes (10-50)	41.3	4.377	37.9	5.483	30.836***
Conforto (26-130)	93.8	15.897	82.5	23.158	20.165***

*** $p \leq .001$

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo sugerem que os professores são maioritariamente favoráveis à ES na escola. O facto da maior parte dos professores inquiridos afirmar que não tem formação complementar de ES, reiterado pelo facto que não têm experiência, sugere que a escola não tem estado a desempenhar um papel suficientemente activo na ES. É crucial continuar a promover a formação contínua nesta área até que os professores se sintam seguros e dotados de conhecimentos para se envolverem na ES. Como a experiência também se revela um factor significativo, tem que se insistir no incentivo à implementação efectiva da ES, com recurso a estruturas de supervisão capazes de facultar apoio em termos científicos, pedagógicos, didácticos e jurídicos. E uma vez que os professores inquiridos possuem conhecimentos, atitudes e conforto aceitáveis para a implementar, e que adolescentes e jovens são um grupo prioritário a nível de prevenção, considera-se urgente que se dinamizem os recursos existentes e que a ES em ME se torne uma realidade generalizada nas escolas portuguesas o mais rapidamente possível.

É importante que estudos futuros avaliem as boas práticas para se poder compreender melhor os factores de sucesso na ES, e que incluam outros participantes centrais ao processo, como são os alunos e os pais.

A selecção da técnica da bola de neve tem a limitação da amostra ser seleccionada por conveniência; à semelhança dos outros estudos aqui referidos, também neste, é avaliada a *percepção* que os sujeitos têm dos seus conhecimentos, atitudes, conforto, etc., e não os constructos em si; e o tamanho da amostra é pouco significativo (cerca de 3%), não permitindo a generalização das conclusões.

CONCLUSÕES

1. ES em ME – Os professores inquiridos consideram que a ES deve ser abordada na escola. No 2º e 3º ciclos consideram que deve ser abordada numa das ACND (área curricular não disciplinar), mais especificamente na “Formação Cívica”, e nas várias disciplinas cujos programas o permitam (dinâmica transversal); no ensino secundário estão divididos entre esta última, o gabinete de apoio ao aluno e a criação de uma nova disciplina.

1.1. Estas opiniões vão ao encontro das recomendações do ministério da educação. Segundo este as escolas do ensino básico devem reservar uma das ACND para a Educação para a Saúde (em que a ES está contemplada), bem como promover a ES numa dinâmica transversal. Para o efeito cada conselho de turma elabora um projecto de educação sexual que não pode ter uma carga horária inferior a seis horas no primeiro e segundo ciclos e 12 horas no terceiro ciclo e ensino secundário. Quanto ao ensino secundário, é também o gabinete de apoio ao aluno que o ministério elegeu. No entanto, também é possível rentabilizar a disciplina de Área de Projecto do 12º ano e multiplicar, assim, as oportunidades de proporcionar aos alunos actividades de ES.

2. Formação Pessoal – 23.3% consideram que a sua própria formação pessoal de ES é má ou muito má por falta de preparação científica e pedagógica, ou por se sentirem desconfortáveis com alguns temas.

3. Formação Complementar – 77.6% dos sujeitos desta amostra não frequentaram qualquer acção de ES apesar da legislação portuguesa (Lei nº 60/2009 de 6 de Agosto) tornar obrigatória a implementação da ES em ME e do próprio ministério desde 1984, e outras instituições, a promoverem.

3.1. Este dado é concordante, apesar de mais acentuado, quer com estudos internacionais (65%) [12], quer com estudos portugueses (67%) [14]. Este tipo de formação reveste-se de importância por possibilitar modificar a percepção que os professores têm da sua formação pessoal.

3.2. Os Centros de Formação foram sensibilizados pelo ministério para a inclusão prioritária de formação nesta área, e ao professor coordenador foi dada a possibilidade dessa formação ser considerada em termos de formação inicial.

4. Experiência – Quanto à experiência de ES em meio escolar, apenas 28.3% dos professores inquiridos a referem e desses apenas 45.7% foram intervenientes activos (não se limitaram a assistir, propor ou organizar), tendo mesmo 11.5% afirmado que promoveram uma aula uma única vez.

4.1. Os professores com experiência referiram ter mais conhecimentos, atitudes mais positivas e sentirem-se mais confortáveis na abordagem da ES em ME.

5. Conhecimentos, Atitudes e Conforto – Os professores consideraram ter conhecimentos, atitudes e conforto suficientes para se envolverem na ES, constatando-se que a média de conforto é inferior à dos conhecimentos e das atitudes.

Comparativamente à amostra de um estudo canadiano ^[22], a portuguesa tem uma média de conforto ligeiramente superior; em comum têm quatro dos seis tópicos em que o nível de conforto é mais alto (“Imagem corporal”, “Puberdade”, “Menstruação” e “Reprodução e nascimento”), e outros quatro em que o nível de conforto é inferior (“Pornografia”, “Prostituição nos jovens”, “Masturbação” e “Prazer e orgasmo”).

6. VIH e Gravidez Indesejada – Dado o aumento na incidência de VIH e na taxa de gravidez não desejada no grupo de jovens, é essencial verificar o nível de conhecimento e o nível de conforto que os professores têm na abordagem de tópicos como “IST’s / SIDA” e “Contraceção e sexo seguro”. Os professores participantes neste estudo possuem um conhecimento médio / alto em relação aos tópicos que estão directamente relacionados com a prevenção de VIH e das IST’s, e da gravidez não desejada.

7. Envolvimento Futuro – Inquiridos acerca do seu envolvimento futuro na ES, 49.6% referiram estar disponíveis para trabalhar com outros colegas na promoção deste tipo de acções, mas acham que não tomarão a iniciativa.

REFERÊNCIAS

- [1] GTES. Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual / Saúde (GTES). ME: 2007. [cited 2008 Feb 19]. In URL:<http://www.min-edu.pt/np3/1093.html>
- [2] CVEDT. Infecção VIH / SIDA. A situação em Portugal a 31 de Dezembro de 2008. Lisboa. INSA: 2009.
- [3] Durex, Give and Receive. 2005 Global Sex Survey Results. [cited 2008 Apr 25]. In URL:<http://www.durex.com/gss>.
- [4] BEADNELL, B., MORRISON, D., WILDSON, A., WELLS, E., MUROWCHICK, E., HOPPE, M., GILLMORE, M. R. & NAHOM, D. Condom Use, Frequency of Sex, and Number of Partners: Multidimensional Characterization of Adolescent Sexual Risk-Taking. *The Journal of Sex Research*, 2005; 42 (3):192-203.
- [5] BROOK, D., MOROJELE, N., ZHANG, C. & BROOK, J. South African Adolescents: Pathways to Risky Sexual Behavior. *AIDS Education and Prevention*, 2006; 18 (3): 259-272.
- [6] CARVALHO, M. & BAPTISTA, A. Modelos explicativos dos determinantes dos comportamentos preventivos associados à transmissão do vírus da imunodeficiência humana. *Revista Lusófona de Ciências da Mente e do Comportamento*, 2006; 8:163-192.
- [7] Eurostat. População e Condições de trabalho – Demografia. 2006.
- [8] MATOS, M.G. (ed). *Sexualidade, Segurança e SIDA*, Lisboa: IHMT/FMH/FCT; 2008.
- [9] FNUAP. Fundo das Nações Unidas para a População. *A Situação da População Mundial 2005 – A Promessa de Igualdade: Equidade em matéria de Género, Saúde Reprodutiva e Objectivos de Desenvolvimento do Milénio*. New York: FNUAP, 2005, 45-55.
- [10] Reis, M.; Ramiro, L.; Carvalho, M. & Pereira, S. A sexualidade, o corpo e os amores em M. Matos & D. Sampaio (coord), *Jovens com Saúde – Diálogo com uma Geração*, Lisboa. Texto Editora, 2009, 165-282.

- [11] VILAR, D. & FERREIRA, P. A educação sexual dos jovens: conhecimentos e fontes. *Revista Educação Sexual em Rede*, 2009; 5: 2-53
- [12] Kirby, D. *Emerging Answers: Research Findings on Programs to Reduce Teen Pregnancy (Summary)*. Washington, D.C.: National Campaign to Prevent Pregnancy, 2001. Retirado em 3 de Agosto de 2008 de www.siecus.org
- [13] RAMIRO, L., MATOS, M.G. & VILAR, D. Factores de Sucesso da Educação Sexual em Meio Escolar. *Educação Sexual em Rede*. Associação para o Planeamento da Família, 2008, 3, 8-13.
- [14] Lemos, M. E. O papel dos conhecimentos e atitudes sobre sexualidade como pré-requisitos para comportamentos saudáveis. *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 2002, 33, 43-49.
- [15] SOUSA, A.P. Educação Sexual como factor promotor do desenvolvimento psicossocial dos jovens. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga, 2003.
- [16] Teste Saúde. Portugueses satisfeitos mas em risco. *Teste Saúde*, 2006, 60, 18-23. Deco Proteste.
- [17] BOWDEN, R. G., LANNING, B.A., PIPPIN, G.R., & TANNER, J.F. JR. (2003). Teachers' attitudes towards abstinence – only sex education curricula. *Education*, 2003, 123(4), 780-788.
- [18] VILAR, D. *Falar Disso: A Educação Sexual nas Famílias dos Adolescentes*. Porto: Edições Afrontamento, 2003.
- [19] SAMPAIO, D. Educação Sexual na Escola. Pontos nos iis. *Revista Mensal de Política Educativa*, 2006, 1 (2), 30-31, Público.
- [20] ZAPIAIN, J. A Educação afectivo-sexual na escola. *Sexualidade e Planeamento Familiar*, 2003, 36, 33-38.
- [21] REIS, M. H. A Educação Sexual nas Escolas Portuguesas: os professores como actores na sua implementação. Dissertação de mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2003.
- [22] COHEN, J., BYERS, S., SEARS, H. A., & WEAVER, A. D. Sexual health education: attitudes, knowledge, and comfort of teachers in New Brunswick schools. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 2004, 13(1).